



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a cerimônia de lançamento do Plano Nacional de Desenvolvimento da Pesca e Aqüicultura**

**Salvador-BA, 29 de julho de 2008**

Meus queridos companheiros pescadores e companheiras pescadoras, empresários e empresárias do nosso querido Brasil,

Companheiros ministros,

Nossa querida Margareth Menezes,

Nosso companheiro presidente da Federação de Pesca da Bahia,

Companheiros das Federações,

Meus amigos e minhas amigas,

Quero dizer para vocês que o passo que estamos dando hoje, na verdade, é o segundo passo de uma caminhada que começamos em 2003. Em 2003, eu tinha uma indignação porque a pesca era um apêndice do Ministério da Agricultura, e eu achava que nós tínhamos que criar alguma coisa específica da pesca para que pudéssemos aprimorá-la no Brasil. Depois de quatro anos e meio de experiência, eu pedi para o companheiro Gregolin apresentar um PAC da pesca, uma nova estrutura para a área da pesca no Brasil, para que nós pudéssemos dar um segundo passo importante. Quem sabe a gente tenha que dar mais alguns passos...

O terceiro passo que vamos dar, depois da criação do Ministério, é exatamente o de responsabilizar a Embrapa, como instituição de pesquisa, pela pesca no nosso País. A Embrapa tem gente de qualidade, e nós achamos que ela pode ajudar a fazer na pesca, no Brasil, a mesma revolução que fez na agricultura nos últimos 30 anos. Para isso, temos que olhar algumas coisas importantes. É uma vergonha um país com oito milhões e meio de quilômetros



quadrados, com oito milhões de quilômetros de costa, com 190 milhões de habitantes, só pescar um milhão de toneladas por ano. Enquanto isso, um país como o Peru, que tem apenas 27 milhões de habitantes, pesca nove vezes mais do que nós, nove milhões de toneladas de pescado. O Chile, que é um país de apenas 13 milhões de habitantes, pesca dois milhões de toneladas de peixe. Alguma coisa de errado está acontecendo no nosso País.

O que nós queremos? Estamos criando um Ministério hoje que vai se encarregar de implantar, daqui para frente, com muito mais eficácia, estrutura, técnicos, e muito mais gente, superintendências em cada estado para que a gente possa definir a pesca corretamente. É importante a gente lembrar uma coisa que já fizemos. Quando nós criamos a Secretaria de Pesca, tínhamos apenas 62 mil pescadores. Nós tínhamos poucos pescadores recebendo salário-defeso, numa quantia de 90 mil trabalhadores que recebiam apenas 62 milhões. Este ano nós já temos 450 milhões de pagamento do salário-defeso, atendendo 350 mil pescadores neste País.

Há duas coisas... a gente não pode começar a brigar antes de as coisas acontecerem. É preciso ter claro o seguinte: nem a pesca empresarial, nem a pesca artesanal são competitivas no Brasil. Nem a empresarial e nem a artesanal nunca receberam uma decisão do Estado brasileiro de criar, verdadeiramente, condições para que a pesca artesanal vire uma pesca moderna e dê cidadania para as pessoas, e tampouco para que a pesca empresarial pudesse virar uma pesca competitiva com os espanhóis, com os japoneses, com os peruanos e com tantos outros que vêm pescar na nossa terra.

Ali – meu caro governador Eduardo Braga, você que é da Amazônia – na costa do Amapá nós temos o maior banco camaroneiro do mundo. Os japoneses chegam lá, com navio de arrasto, para pegar uma tonelada de camarão. Eles matam oito toneladas de peixes e jogam fora porque só aproveitam o camarão.



Se o governo não profissionaliza a pesca e não cria, como já criamos, programas de financiamento de barco – seja de um pequeno barco para o pescador artesanal, seja de um grande barco para o empregador da pesca – este País nunca vai ser um grande país, com potencial de pesca. Nós não aproveitamos nem as 300 milhas marítimas que consagramos na década de 70.

O que nós precisamos, agora que temos um Ministério, que temos a Embrapa... Eu já disse para o Gregolin: é preciso que além das federações das colônias que já existem, nós façamos parcerias com as prefeituras deste País para mapear cada rio, cada lago, cada pedaço de mar perto dos municípios, para a gente cadastrar mais e melhor os pescadores, saber o tipo de peixe que estão pescando, saber o tipo de vida que está levando o pescador. Quando nós – nós aqui neste palanque – viramos turistas e vamos para a praia, só queremos comprar peixe na canoa, e queremos o peixe mais barato e fresco. Nós não perguntamos as condições em que aqueles companheiros pegaram o peixe, não perguntamos as condições em que eles sobrevivem.

Uma vez, meu caro Governador, eu fiquei 10 dias em Ilha Grande, lá em Angra dos Reis. Todos os dias, durante 10 dias – às seis horas da manhã, às 10 horas da manhã, às duas e às seis horas da tarde – eu ia com os canoieiros tirar o cerco. Teve dia que tinha bastante tainha ou peixe-espada, teve dia que tinha sardinha, mas tinha muitas vezes de a gente atirar e não ter absolutamente nada. Nada! Para esse companheiro, voltar para casa sem nada, significa que naquele dia está faltando pão, está faltando leite para as crianças, está faltando dinheiro para pagar energia.

Nós queremos que os nossos pescadores artesanais e as nossas pescadoras saiam para trabalhar tranquilos, com segurança, sabendo que vão ter a proteção do Estado brasileiro. Nós queremos que os empresários brasileiros possam financiar a renovação do seu barco para disputar com os espanhóis, os japoneses, os noruegueses, em alto mar, onde tem peixe de



melhor qualidade. Nós não podemos mais nos tratar como se fôssemos um país pequeno, de pescadores pequenos, de empresários pequenos, humildes, que não conseguem trazer as coisas para este País. Aqui no Brasil, mesmo que tivéssemos o hábito de comer peixe, a gente não pegaria o peixe para atender o nosso hábito.

Eu falo como pescador, companheiros. Sou capaz de matar muitos de vocês de inveja, porque eu tenho lá no Palácio do Alvorada – eu coloquei, não achei lá, não – um pintado de 15 quilos, tenho um pacu de 12 quilos, tinha um jaú de 60 quilos, tenho pirarara de mais de 20 quilos, tenho dourado, tenho piraputanga. Tudo isso eu tenho lá. De vez em quando vou lá e pego um para comer. Na maioria das vezes, o peixe ronca. A dona Marisa pensa que ele está chorando e manda soltar, porque lá em casa não se permite pescar com aquela garra no anzol, tem que ser um (inaudível) liso. O peixe pensa que é para palitar os dentes e não sente nenhuma dor.

Eu sei exatamente que nós precisamos também fazer com que, se a gente pescar mais, a gente possa colocar peixe na merenda escolar para nossas crianças comerem. Elas vão pegar o hábito de comer carne de peixe e perceber que é mais saudável, e a gente vai aumentando o hábito do nosso povo de comer peixe. Isso é o que nós queremos garantir a vocês, pescadores artesanais e empresários. Como é que pode, com aquele lago de Itaipu, do tamanho que é, a gente não podia nem colocar uma rede lá? Aquilo ficava guardado para evaporar água. Quantos lagos no Nordeste estão a evaporar enquanto a gente poderia pegar companheiros pescadores, dar o espaço para eles, colocar uma rede, eles criarem seu peixe, sustentarem sua família, e terem uma renda mensal? Da mesma forma que a gente faz a reforma agrária na terra, é preciso fazer uma reforma aquária, na água.

Chega de estupidez. Aquele lago de Itaipu, aquela imensidão... Só agora começamos a criar pacu. Mesmo assim nos proibiram de colocar tilápia. Em quantos lagos, Wagner, pode-se criar camarão aqui na Bahia? Quantos de



vocês podem ter duas ou três redes em tanque perto da casa de vocês, nas águas perto de onde vocês moram? Certamente vocês não poderão comprar os tanques-rede, nós é que vamos financiá-los para vocês. Quando a gente fala em permitir que as pessoas possam criar peixe, não estamos pensando apenas em favorecer um segmento, o empresário, não. A gente quer que o empresário possa fazer, mas queremos garantir que o pequeno pescador possa fazer também, como lá em Santa Catarina.

Companheiros e companheiras, eu queria dizer a vocês que este momento é marcante para nós. Ainda falta fazer muito. Nós criamos o Profrota há muito tempo, mas está demorando muito. A burocracia ainda atrapalha a liberação. Estou vendo aqui uma empresária – não vou citar nomes – que ficou um tempão pendurada atrás do empréstimo que não saía. Ela fez o barco com dinheiro próprio e somente depois saiu o financiamento. Ela está me devendo um convite para pescar atum não sei onde...

Estou vendo companheiros aqui que pescam desde que nasceram e ainda não conseguiram sequer rebocar a casa em que moram porque mal e porcamente levam dinheiro para casa. Se pegam peixe e não tem para quem vender logo, estraga ou vendem quase de graça. Por isso é que nós queremos fazer o terminal pesqueiro, a fábrica de gelo, para garantir que o companheiro, ao sair com sua canoazinha, saia preparado para pegar e conservar esse peixe até chegar ao consumidor. Todo mundo quer comer do bom e do melhor, mas quer pagar como se fosse do mal e do pior. É preciso que o governo regule isso.

Companheiros e companheiras, eu queria dizer uma coisa para terminar: nós precisamos trabalhar para que as pessoas possam viver, seja a pessoa que vai catar marisco, seja quem vai criar camarão, criar o que quiser. O que queremos é que a partir de agora, com o Ministério com estrutura, a gente pense, elabore e execute melhor isso. As pessoas não podem continuar vivendo no abandono como viveram até agora. Nós queremos cuidar para que



vocês possam não apenas pescar e comer, mas pescar e poder comprar outro tipo de comida que quiserem, no supermercado. Vão ter barcos, porque o Gregolin vai financiar barcos. A idéia básica é que a gente possa financiar desde uma canoa até um barco grande. Da mesma forma que podemos financiar um carro velho, podemos financiar um barco para melhorar a qualidade de vida de vocês.

Vou dizer mais uma coisa: o Ministério, que é uma reivindicação muito antiga de vocês, foi criado para executar um programa que o companheiro Gregolin falou para vocês. Vocês não estavam ouvindo porque parece que queriam ouvir só a Margareth Menezes. Não sei se ela vai cantar, não.

O dado concreto é o seguinte, companheiros: eu ainda tenho dois anos e cinco meses de mandato. Precisamos executar este programa que foi assumido agora. Tem todas as coisas... são 22 terminais pesqueiros. Obviamente que trabalhando junto com o governo dos estados, lá no Amazonas, aqui na Bahia, lá em Santa Catarina, a gente pode construir mais terminais pesqueiros para poder dar aos pescadores e às pescadoras deste País um pouco de cidadania.

O acordo firmado com o ministro da Educação é para alfabetizar quem é analfabeto e para permitir que filhos de pescadores possam ter ascensão em outros cursos de mais qualificação. É preciso ver que colônia de pescadores não tem luz elétrica para a gente poder levar energia; é preciso ver onde não tem escola, para levar escola. É assim que vocês vão fazer da pesca um meio de vida digno e decente e poder criar a família de vocês.

No mais, companheiros e companheiras, Gregolin, eu quero dizer a vocês que este é o dia mais importante da vida deste rapaz aqui, que criou esse Ministério. Ele não faria isso se não tivesse uma companheira na Casa Civil da qualidade da Dilma Rousseff que elaborou esta medida provisória para eu assinar hoje. Ontem ainda não estava pronta, então trabalharam ontem à noite para me trazer para assinar hoje aqui. Senão o Gregolin morria e, dizem



que junto com ele, muitos pescadores iriam ter enfarto aqui se a gente não cria esse Ministério.

Quero, companheiro Wagner, agradecer de coração pelo seu carinho. Este caboclo aqui eu conheço há 30 anos. Vocês, pescadores, podem saber que têm no Wagner não um governador, mas um companheiro para as horas difíceis, um companheiro para os momentos difíceis. Não é para as horas fáceis, não, não é para festa. Eu tenho certeza que ele vai passar para a história como o governador que melhor tratou os pescadores e as pescadoras desta nossa querida Bahia de Todos os Santos.

No mais, meus companheiros e companheiras, tenho que pegar o avião para ir para Brasília. Que Deus abençoe vocês e boa pesca daqui para frente. Um abraço.

(\$211A)